

7:10

*Por Bruno Ribeiro*

O traço de sangue costura sua bochecha. Caída, sem vida, bolsa da Prada largada como trapo velho. O corpo esguio de modelo profissional solto no chão de areia. Próximo dela, o carro detonado no tronco de uma árvore. Os olhos da moça lacrados, dormindo para sempre, como uma criatura não inventada por Deus, tamanha a pureza de sua morte. Essa foto que descrevo repousa em minha mão esquerda. Deixo-a no chão, subo as escadas do sótão, abro um pouco a porta e verifico se meus pais continuam entretidos no café da manhã. Tranco a porta e volto. Essa foto estava largada no meio do baú de achados do meu pai. Ele foi policial nos anos 80, um dos mais durões da redondeza, era conhecido como Cabeça de Tijolo. Reza a lenda que os bandidos sofriam pra conseguir grana pro dentista. No meio deste baú de achados, encontro armas velhas, uniforme mofado, fotos dos seus antigos amigos e, por incrível que pareça, essa foto. Porque papai guardaria a foto de uma vítima? Será que foi assassinato? Ou um acidente? Talvez papai fosse apaixonado por essa mulher, não sei. Fico com vontade de perguntar, mas papai não é um homem de palavras. O ouço na hora da reza no café da manhã, nos agradecimentos do almoço e na despedida do jantar. Papai tornou-se um aposentado infeliz. Só encontrou alegria nos tempos de Cabeça de Tijolo, quando tinha fama na cidade e botava terror nos bandidos. Hoje, carrega filho vagabundo, mulher doente e vegetal, que não fala, não anda e quase não respira. Papai precisa viver em um vazio desolador causado por este bairro de velhos, crianças mimadas e perfeição – ele não encontrou espaço para se adaptar.

Voltando para a foto na minha mão esquerda. Que bela mulher.

O que papai sentiu quando viu essa foto pela primeira vez?

O decote dela é grande. Aberto. Arreganhado. Tem como espiar um pouco do mamilo direito. A saia curta, meio transparente. Pele branca. Lábios vermelhos mesclados com o rubro do sangue que escorre deles. Os peitos são medianos, mas duros. O carro detonado e a fumaça imortalizada pelo flash fotográfico. Minha mão direita escorrega até o interior da cueca. Vou mexendo devagar. O que papai pensou? A mão abaixa a cueca; a pele dela é muito branca, sinto cheiro de leite, de limpeza áurea, de anjos. A mão da moça está em primeiro plano, quase me tocando, sinto os dedos com pingos de sangue relar no meu nariz, descer até a boca e ali encontrar moradia. Aperto meu pau com força, vigor, o que papai pensou? Faço um vai e vem furioso, meus dentes cerrados, cabeça quente, e o ritmo da punheta crescendo. A sobrancelha bem feita. Não entendo disso, mas ta bem feita. Sei que está. Tudo nela é ideal. Uma mulher assim não pode morrer. Uma mulher com pernas tão longas, com peitos tão compatíveis com minha boca, mulher com cheiro de perigo e sensualidade, pois ela exala sexo. Mesmo morta, seu corpo explode um tesão impossível de conter – tenho que gozar nela – foi a única coisa que pensei. E vou batendo, batendo, batendo, e porra, como ela é gostosa, tão morta, e a boceta, como será? Imagino que peluda, mulheres dessa época não se depilavam muito; meu pau está duro, tão duro, que quase não consigo respirar. Ela é minha escrava, não se mexe, está morta e em minhas mãos: eu mando nela, mando neste corpo largado na areia, mando em seus ossos e músculos, mando nessa boceta que imagino com tanta convicção. E gozo um jato grosso, como tiro de espingarda, que vai bem na cara da moça servil. Respiro fundo, ofegante, cansado. O

que papai pensou? Limpo a foto gozada com uma toalha velha que encontro e a jogo no baú novamente.

Que mulher incrível. Que história incrível deve haver por trás dela.

Limpo as mãos nas calças e subo.

Mamãe com os olhos arreganhados. Papai mastigando e lendo o jornal. Sento do seu lado, ele finge que não existo. Pego o garfo e como um pedaço do omelete. Como devagar. Papai repara que minha respiração está alterada, percebo pelo olhar discreto que ele joga em mim. Estou ansioso. A curiosidade é tão grande quanto à excitação de alguns minutos atrás.

“Pai,” falo sem pensar, “tenho que perguntar uma coisa.”

Ele demora a responder. Dobra o jornal, toma um gole do café, alisa o bigode e diz “pode perguntar.”

“Eu... Meio que estava vendo algumas coisas do porão. Vi aquele baú seu... Dos tempos de policial...”

“Fala logo.” Toma mais um gole do café.

“Vi uma foto que me deixou curioso. De uma mulher morta. Desculpa, olha pai, desculpa, não queria mexer, mas...”

“Sua mãe.”

“Como?”

“É sua mãe. Tá surdo?”

“Mas...” Aponto para mamãe, que agora está babando, olhos catatônicos, sobrelha mal feita.

“Você tinha três anos. Depois do acidente, sai da policia.”

“Eu...”

Fiquei sem fala. Ele se levantou, arrastou a mamãe na cadeira de rodas em direção ao quarto.

Ele ordenou que eu lavasse a louça depois de comer.

“Nunca imaginei, pai.” Respondi.

“Poucos imaginam. Matou sua curiosidade?”

“Ela era linda.” Volto a dizer, tentando não pensar no meu pecado de alguns minutos atrás.

“Amor e beleza não combinam. Quando um tem amor e o outro tem beleza, o jogo é covarde.”

“Como assim?”

“Sua mãe era modelo, eu policial. Nossa relação não tinha equilíbrio.”

“E... Hoje tem?”

“Hoje sua mãe me ama, antes não.” Ele responde, empurrando vagarosamente a mamãe.

Minhas mãos tremem. Volto a olhar para meu pai trôpego. Ele entrando no quarto de porta amarela, com toda a paciência do mundo, arrastando mamãe, que agora está rindo como um bebe recém nascido. Antes de fechar a porta, ele me encara. Imagino que este era seu rosto de policial. Assim que a porta é fechada, eu finalmente descubro o que ele sentiu quando olhou a foto pela primeira vez – o mesmo que eu senti.